

CLASSIFICAÇÃO DAS RAÇAS INDÍGENAS

Classificar sistematicamente é enunciar, de maneira clara e minuciosa, as características e outros traços diferenciais existentes entre os grupos ou tipos humanos, componentes de uma determinada raça.

Lógicamente, apenas os referidos caracteres somáticos deveriam ser lembrados, porque raça quer dizer estirpe, conjunto de traços distintivos, etc. Mas, tal não se verifica sempre. Daí as classificações baseadas na língua, na cultura, na religião, etc. principalmente na primeira.

Em relação aos índios do Brasil, o mesmo vamos verificar, desde os mais remotos tempos. Para os jesuítas, que foram os nossos primeiros estudiosos e professores, tudo quanto não fosse relacionado com o **tupí** ou **língua geral** seria forçosamente **tapiúia** ou **hárbaro**, isto é, inimigo atrasado de língua travada ou incompreensível. Não é preciso dizer que eles, assim, apenas continuavam a tradição dos próprios tupis, que em tudo viam inimigos, pois chegavam a dizer **tapiúia-tiúga** ou inimigo branco. Por outro lado, essa divisão se manteve inalterável até os nossos dias.

É, no dizer de Artur Ramos, a chamada rupinomania ou tendência a ressaltar exageradamente um dentre os muitos idiomas ou grupos de idiomas indígenas.

A primeira reação séria contra esses exageros partiu de Von Martius, que dividiu os índios brasileiros em 9 grupos, mas sempre tendo em vista a língua:

I — tupis guaranis ou "guerreiros"; II — Gês ou Crans, isto é, "cabeças"; III — Gucks ou Cocos, cognominados "tios"; IV — Crens ou Guereus, traduzidos por "Velhos"; V — Parecis ou Poragis, que significa "os de cima"; VI — Goitacás ("Waitaka", em outras palavras, os **corredores do mato**); VII — Aruak ou "a gente da farinha"; VIII — Guaicurus ou Lenguas, que vem a ser o mesmo que "caveleiro"; IX — Índios em transição para a nossa cultura ocidental.

Depois de Martius, apareceu Karl Von den Steinen, que fez surgir o grupo caribe ou dos carabas, em virtude de ter estudado profundamente o idioma bacairi e ter descoberto, no mesmo, características próprias, que o separavam inteiramente do tupi. Feitas mais algumas modificações interessantes, propôs, o autor de "Viagem ao Brasil Central", a seguinte classificação, ainda fundamentada na variedade linguística: I — Tupis; II — Gês; III — Caribes; IV — Nú-Aruaks; V — Goitacás; VI — Panos; VII — Miranhás; VIII — Guaicurus.

Também, Ehrenreich, companheiro de Steinen, procura realizar uma divisão das raças em províncias etnográficas. São elas três: primeira, compreendendo os povos do Brasil, Venezuela, Guianas, Antilhas, etc., isto é, os tupis-guaranis, os aruaques e os caribes; na segunda, estão incluídos os indígenas do Chaco, Argentina e região chilena, finalmente, na terceira, aparecem os povos de culturas superiores, da região andina. Está, portanto, aqui o Brasil computado como da primeira zona ou de cultura rudimentar, dentre os povos da América do Sul.

Não será preciso dizer que nenhuma vantagem ou precisão científica apresenta esta divisão, pois o seu critério é falho e parcial.

De qualquer modo, foi, fundamentados nos autores acima, que os etnólogos e antropologistas posteriores empreenderam novos estudos, investigações e consequentes classificações. Para tanto, devemos destacar a obra de americanistas franceses, suecos, ingleses, etc. Os principais nomes são: Rivet, Métraux, Crévaux, Nordenskjöld, além dos americanos Brinton, Chamberlain, dos italianos Bertoloso Stella, Trombetti, do tcheco Chestmir Loukotka, Rodolfo Garcia, Rondon, Lima Figueiredo e outros, entre os nacionais.

Rodolfo Garcia é o autor da seguinte classificação: tupis-guaranis, gês, caribes ou carabas, nu-aruaqs, cariris, panos, goitacás, guaicurus, boróros, carajás, trumais, nhambiquaras ou índios da Serra do Norte, Betóias ou tucanos, tacanas, pebas, cahuapanas, catupuinas e macús (Ver Dicionário Histórico e Geográfico Brasileiro, 1.º volume).

Terminemos com a classificação do mencionado checo Prof. Chestmir Loukotka.

É o seguinte, o quadro que propõe: 1 — gês; 2 — caingangs, incluindo gês, até certo ponto; 3 — charrúas; 4 — kama-kans; 5 — maxacalis; 6 — coroados; 7 — pataxós; 8 — botocudos; 9 — opáies; 10 — iatés; 11 — cariris; 12 — boróros; 13 — nhambiquaras; 14 — chapacuras; 15 — muras; 16 — carajás; 17 — trumais; 18 —

otís; 19 — cururás; 20 — huaris; 21 — maxubis; 22 — arikéns; 23 — puruborás; 24 — catuquinas; 25 — moriques; 26 — koerunas; 27 — macús; 28 — tucanos; 29 — chirianás; 30 — macús; 31 — panos; 32 — chiquitos; 33 — guatós; 34 — guaicurus; 35 — aruaks; 36 — carabas; 37 — tupis.

Como se vê, é trabalho esfalfante, porém de pouco proveito para o nosso estudo, principalmente no setor antropológico.

Entretanto, não podemos deixar de reconhecer que o mais didático dos estudos é sempre o do critério linguístico, muito mais que o da cultura, ao menos.

Classificação dos Tupis-Guaranis

Todos sabem que a família tupi-guarani é a maior do Brasil, o que se relaciona com a língua. Já, em pleno século XIX, dizia Couto de Magalhães que nenhuma língua antiga, nem mesmo o sânscrito, cobria tão vasto território quanto o do tupi. Mas, a sua expansão não se limita ao terreno brasileiro apenas. Vai além, alcança boa extensão da Argentina, todo o Paraguai, parte do Peru, Bolívia, etc., sem falar nas tribus extintas que habitaram o Uruguai.

Sendo tão difundido e desmpenhando o papel de língua franca, logo dele se serviram os jesuítas para transformá-lo em língua geral para aproximação das tribus entre si e destas com os pretensos civilizados.

Das classificações de povos tupis, podemos lembrar, em primeiro lugar, a de Martius, que compreende os seguintes grupos, todos olhados do ponto de vista geográfico: a) Tupis orientais ou da costa; b) tupis meridionais ou guaranis; c) tupis centrais; d) tupis setentrionais; e) tupis ocidentais.

Von den Steinen sugeriu uma divisão linguística, levando-se em conta a maior ou menor pureza. Os tupis, então, seriam puros e impuros ou mesclados.

A divisão de Rivet é histórica, geográfica e linguística. Estuda os centros de dispersão, as migrações em geral, as várias tribus litorâneas, as tribus do Amazonas, etc.

Geograficamente, as tribus tupis guaranis podem ser: costeiras, amazônicas, do sul ou tupis-guaranis e tribus fora do Brasil.

As tribus costeiras estão quase todas extintas, ou por mestiçamento, ou por perecimento devido a epidemias ou outro qualquer motivo.

Eram as seguintes: a) os tupinambás que ocupavam as costas do Maranhão, o litoral de Camamú ao São Francisco, e até os arredores da Guanabara. Havia ramos dessa raça na Amazônia. b) os petiguara ou potiguara, que habitavam a região costeira entre os rios Paraíba e Paraíba, principalmente o Rio Grande do Norte. O nome vem de potí, camarão, e guara, comer, isto é, comedores de camarão. c) os tabajaras, que se encontravam no Ceará e em vários outros pontos do Nordeste. d) Os caetés, que tinham por habitat a região entre o Paraíba e o São Francisco. e) os tupiniquins, que se espalhavam de Camamú, na Bahia, até as vizinhanças do Espírito Santo. f) os tomimínos ou temimínos, que moravam no Espírito Santo até as proximidades do Rio Paraíba, no Estado do Rio de Janeiro. g) os tamoios, nativos deste último Estado. h) os tupis propriamente ditos, habitantes do litoral fluminense, ao sul de Angra dos Reis. i) os carijós ou guaranis, que ocupavam a zona costeira de Cananéia até o Rio Grande do Sul. j) os tapes ou tapés, povoadores do mais meridional dos nossos Estados.

São estas tribus tupis a principal fonte de informações, descrições e narrações que datam do século XVI e, mesmo, durante o XVII.

As tribus do Amazonas podem ser subdivididas em: tribus tupis do Alto Amazonas, tribus tupis dos afluentes da margem direita do Amazonas, tribus tupis da margem esquerda e tribus tupis do Tocantins.

Entre as tribus do Alto Amazonas, vamos encontrar os Omaguas ou acangá-

peva, sem favor, os mais civilizados de todos os indígenas brasileiros; os jurimóguas, habitantes da região entre o Purús e o Jutaf; os cocomas, os cocamilas, considerados piratas, os omaguas-ieté, etc.

Na margem direita do Rio-Mar, há os seguintes povos de raça tupi: os parintins, que povoam uma área de 22.400 quilômetros quadrados; os itangás, que falam um dialeto muito alterado pelo catuquina; os maués, estudados por Kurt Nimuendajú; os mundurucús, terríveis guerreiros; e os apicás, encontrados entre o rio Arinos e o Jurema; os tapanhunas, no rio do Peixe; os curuaias, a leste dos mundurucús.

Além destes, cumpre mencionar os jurunas ou gentio de boca negra; os taconhapés, os camaiurás, os auetás, etc.

Na margem esquerda, há poucas tribus. As principais seriam: Os pariamas, do Potunáio, parentes dos omaguas; os apantos, do Jamundá; e os paiquipirangas, do rio Marca. No Tocantins, podem ser lembrados: os canoeiros, os tapirapés, magnificamente estudados por Baldus e outros; os tapiranas; os tembés, etc.

Vejam, agora, as tribus-tupis do sul ou guaranis. São principais: os carijós, que, em última análise, seriam os próprios guaranis strictu sensu; os paranás, ao sul dos precedentes; os cainguás, muito numerosos, tendo como habitat o sul de Mato Grosso e norte do Paraguai; os chiripás, os chirús, etc., todos da zona mais meridional do Brasil.

Fora do Brasil, as tribus não são numerosas. Mencionemos os civilizados: os chiriguano; os tapietés, talvez guaranizados; os guarajús, muito independentes, etc.